

Apresentação Volume 8, Número 1 de 2024*

A Revista Catarinense de Economia, com prazer, apresenta nas páginas a seguir seu Volume 8, Número 1 de 2024, mais uma edição que combina análise contemporânea e reflexão histórica para enriquecer o debate sobre temas de interesse à nossa comunidade científica. Com pluralidade metodológica e abordagens interdisciplinares, esta edição traz alguns dos melhores resultados das investigações em economia no estado. Nesta publicação, destacam-se três artigos inéditos que investigam aspectos da economia catarinense. Complementando as pesquisas originais, incluímos uma resenha crítica de uma obra seminal para os estudos econômicos, além de um texto clássico sobre economia catarinense, republicado em sessão especial para revisitar fundamentos que continuam a orientar discussões atuais.

Abrindo esta edição, Michele Romanello e Fernando Jorge dos Santos focalizam a Reserva Extrativista Pirajubaé, em Florianópolis, em *O Perfil Socioeconômico da Comunidade Marinha do Pirajubaé*. Através de entrevistas com 42 pescadores artesanais, o artigo desvenda como tradições se entrelaçam com desafios modernos: da organização das atividades econômicas às tensões geradas pela urbanização. A pesquisa expõe contradições entre a dependência do manguezal para subsistência e a pressão por conservação ambiental, além de lacunas no acesso a serviços básicos. O retrato dessa comunidade tradicional serve como alerta para a necessidade de políticas que conciliem desenvolvimento urbano, preservação cultural e sustentabilidade.

No campo das políticas públicas, Darlan Christiano Kroth e Raquel Guimarães investigam, em *Efeito dos Investimentos Públicos na Atenção Primária à Saúde: um estudo longitudinal nos municípios catarinenses*, a relação entre financiamento municipal em ações preventivas e a redução de internações evitáveis em Santa Catarina (2010–2019). O estudo longitudinal demonstra que priorizar a Atenção Primária à Saúde (APS) não apenas melhora indicadores de saúde, mas também otimiza recursos públicos. Ao analisar uma década de dados, os autores oferecem evidências robustas para debates sobre eficiência administrativa e equidade, reforçando a importância de investimentos contínuos em prevenção – um tema crucial em um contexto de pressões sobre o SUS.

No texto seguinte, Fabio de Almeida e Carlos José Espindola conduzem uma análise robusta em *O Dinamismo da Produção da Cebola Seca no Mundo e no Brasil no Período Pós-2000*. O estudo revela que, embora a produção global de cebola tenha mais que dobrado entre 2000 e 2020 – com Índia e China respondendo por quase metade do total –, o Brasil, 15º produtor mundial, enfrenta paradoxos. Santa Catarina lidera a produção nacional (29,3%), mas o país ainda depende de importações para 13% do consumo interno. Os autores destacam como políticas como o PRONAF impulsionaram saltos de produtividade (de 17,39 t/ha para 33,4 t/ha), especialmente em Goiás (73,64 t/ha), enquanto propriedades não modernizadas revelam vulnerabilidades sociais. Combinando dados da FAO, IBGE e categorias geográficas, o texto questiona os caminhos da sustentabilidade e da desigualdade no agronegócio.

Em *Economia da Complexidade: Desafiando Paradigmas na Obra de Michael Roos*, Luiz Eduardo Simões de Souza resenha a obra que redefine a análise econômica ao tratar sistemas como redes dinâmicas e adaptativas. Roos critica modelos neoclássicos estáticos e propõe ferramentas interdisciplinares – da biologia à ciência da computação – para entender crises financeiras e mudanças climáticas. A resenha destaca como simulações computacionais e conceitos como “emergência” e “não linearidade” oferecem novas lentes para desafios do século XXI, tornando o livro uma leitura importante para economistas que buscam desafiar paradigmas tradicionais.

Por fim, resgatamos um clássico essencial: *História Econômica do Mate*, de Temístocles Linhares. O texto aborda o desenrolar das atividades ligadas à erva-mate, desde sua centralidade no desenvolvimento de Santa Catarina e Mato Grosso nos séculos XIX e XX até as disputas entre monopólios, como a Companhia Mate Laranjeira, e comunidades locais. Linhares detalha como infraestruturas precárias, migrações pós-Revolução Federalista e conflitos territoriais moldaram uma economia marcada por ambição e resistência. A reedição desta obra não apenas homenageia um marco historiográfico, mas também relembra como ciclos econômicos do passado ecoam nos dilemas atuais entre progresso e exploração.

Esta edição, portanto, ao unir rigor analítico e diversidade temática, reforça o compromisso da Revista Catarinense de Economia em fomentar diálogos que transcendem fronteiras disciplinares. Boa leitura!

Alcides Goularti Filho*
Fábio Farias de Moraes**
Liara Darabas Ronzani***
Editores/a

DOI: [10.54805/RCE.2527-1180.v8.n1.179](https://doi.org/10.54805/RCE.2527-1180.v8.n1.179)

*Universidade do Extremo Sul Catarinense, SC | E-mail: alcides@unesc.net | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0808-4486>

**Centro de Informática e Automação do Estado de Santa Catarina – CIASC, SC | E-mail: fariasmoraes@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7045-8514>

***Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS | E-mail: liadarabas@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5748-0736>